

GESTUALIDADES DE UM FEMININO QUE INSISTE

GESTURES OF AN INSISTENT FEMININE

Monica Toledo Silva
PUC-Minas

Resumo

Esta apresentação ensaística sugere um encontro poético com imagens (frames de vídeos da autora e poemas publicados), enredados em breves falas de oito pensadores que trazem teorias convergentes do corpo queer ao longo dos tempos e desde lugares distintos. Com alguns pontos de partida referenciais, nutridos pela fenomenologia e semiótica da cultura agindo como guia nesta composição, propõe-se a insistência de um feminino particular em detrimento de muitas camadas de violência, manifesto nas artes de maneiras únicas e em mídias diversas. Estes encontros teórico-práticos expõem a evolução das teorias feministas e queer em direção a um corpo fugidio e sempre a ser inscrito.

Palavras-chave:

Imagem; corpo; performatividade.

Abstract

This essay presentation suggests a poetic encounter with images (frames from the author's videos and published poems), entangled in brief speeches by eight thinkers who bring convergent theories of the queer body over time and from different places. With some referential starting points, nourished by phenomenology, semiotics of culture and cognition acting as a guide in this composition, we propose the insistence of a particular feminine to the detriment of many layers of violence, manifested in the arts in unique ways and in diverse media. These theoretical-practical encounters expose the evolution of feminist and queer theories towards a fugitive body that is always inscribed.

Keywords:

Image; body; performativity.



Figuras 1 e 2 - Fotografias. Estudo sobre ausência, 2023, de Monica Toledo Silva.

há sempre um grito
no vivo que há'

Este ensaio propõe um deslocamento nos modos de ler e ver a partir de uma organização que apresenta alguns teóricos em suas provocações acerca do corpo: crip, feminino moderno, forma de vida, imagético, queer, performativo, coisa convulsa, crisálida quebrada. Ou, divergente, biopolítico, modo de presença, escritura, cinético, surreal, sagrado, soberano. Tais estudos dividem espaço com imagens e poemas de minha autoria para discutir uma corporeidade híbrida, que se faz visual e visível, e sugere uma formulação de enunciados a partir de um estado nômade, que se compõe e decompõe formulando meios de existir em territórios sempre parciais. A forma de escrita, teórica e poética, e a escolha de imagens, coadunam uma investigação criativa processual singular.

Me convido e te convido a falar de nós: de um, de qualquer um, do outro que também somos. Da outra coisa que seremos. Apresento algumas imagens e poemas, de vídeos e de trechos de um livro. Coisas que faço para pensar e para viver. Para estudar e elaborar como meu corpo se apresenta para mim, como imagino que outros o vejam, como sinto que sou ou seria. Entre estas visibilidades de frames e palavras busco elaborar pensamentos que insistem:

memórias atravessadas na garganta, outras que duram tempo demais, tantas que esqueci, meu cabelo que quando cresce eu corto porque não queria ser tão mulher e quando curto não gosto de não ser feminina. Entre um e outro percebo o tempo e a dança como algo que vive em mim, desde pequena, e que se processa, assim, ao acaso a grandes custos. Foi preciso muito audiovisual, muito estudo - ao qual agradeço a companhia de Maurice Blanchot, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Luc Nancy, Jean-Luc Godard, Didi-Huberman, Achille Mbembe, os semioticistas russos e soviéticos e as sementes de Ferdinand de Saussure, Henri Bergson. Filósofos da fenomenologia e cientistas da cognição. Cineastas modernos e todo o cinema a que chamo do corpo. Virginie Despentes e Simone de Beauvoir, Camile Claudel, Judith Ann Scott e Francesca Woodman. Essa turma, num encontro peculiar marcado por mim ao longo dos últimos vinte anos, tendo como hostess uma literatura feminina magrebina (Fátima Daas, Hélène Cixous) asiática (Kim Thúy, Bhanu Kapil) e latina (Pilar Quintana, Brenda Navarro) que mistura autobiografia com uma fantasia trágica, soberana, me trouxe de volta ao entendimento da dança no corpo e no pensamento, que nega tentativas

de se estabelecer gêneros (drama, romance, suspense, documental, surreal) ao demonstrar que quando nos colocamos na imagem ou na palavra e falamos de nós mesmos com algum grau de consciência e intenção, estamos dançando: geramos discursos enunciativos, por vezes tentativas de comunicação, formas de apresentação, maneiras de elaborar narrativas, por extensões, velocidades, repetições, esquecimentos, imaginações, em fluxos vindos da respiração, joelho, queixo, que nos permitem habitar a nós mesmos ao criar um trabalho artístico nos gêneros da literatura e do vídeo que deixam de ser tais, porque existem no mover do corpo.

Trago para esse encontro convidados especiais, que se apresentam aqui de forma a dar corpo a este sentimento-pensamento que mobiliza minhas ações como artista e pesquisadora: Christine Greiner e sua apresentação do corpo crip (que ultrapassa as teorias das últimas décadas pra se situar desde âmbitos distantes da arte); Georges Bataille em seu erotismo (sagrado, acéfalo, trágico); Eliane Norbert Elias e seu "corpo impossível" (que remete ao único Hans Bellmer para apresentar

um corpo objeto desfeito nas artes visuais); Raymond Bellour e Leda Maria Martins que sem introduções se conhecem pelo entendimento do corpo num tempo espiralar entre imagens móveis tão fragmentadas e contínuas quanto ele próprio pode ser em sua espacialidade; Zairong Xiang que traz o corpo *queer* mitológico de deusas e deuses não dualistas, não sexualizados (colonizados) pela epistemologia ocidental e que conversam com as formas de sobrevivência Tiqqun (que vem ao encontro representando Agamben).

Modos feministas de criar também fogem das categorias de gênero para se afirmar num contexto de política poética, sobrevivência vagalume que convive com neons em cores, porque vêm do escuro para brilhar e as formas de vida coexistem e querem viver. A matéria deste ensaio é, assim, minhas próprias cenas, visuais e literárias, como estudo de caso para pensamentos científicos que se desdobram na necessidade de criar e conviver. Penso que citações destes autores, com meus procedimentos artísticos, servirão de alimento para essa corporeidade, que insiste em existir na diferença, no comum, coletivo e particular. Viva o corpo, suas imagens e palavras-gestos.



Figuras 3 e 4 - Frames da série de vídeos e instalação "*Tracing mermaids*", 2018, de Monica Toledo Silva.

PENUMBRAS

*dessaturada do dia
pulo o engasgo que me trouxe
sem vontade de sair
contemplo o corpo que já não é*

*no leve o sentido acalma
a memória é breve, logo foge
se joga fora e convida
a refazer-se num longe do mundo*

Christine Greiner é uma das introdutoras das teorias crip no Brasil. Trata-se de incluir nas políticas sociais e do cuidado, sem que com isso se almeje um ponto de convergência comum, corporeidades periféricas, corpos múltiplos que estão além das diferenciações binárias de organismo biológico e ambiente digital, natureza e cultura, e que configuram existências divergentes. Diferenciações de real, sujeito, self e existência também se tornam irrelevantes à homeostase e no ecossistema que configura informações entre corpos (in)animados. Greiner (2004, p. 18) lembra que à “clausura da separação entre sujeitos e objetos” resta a “identidade subterrânea, estigmatizada como um outro ficcional”.

Para tais existências, corpos opacos (pois a opacidade revela-se campo infinito de ação, afetação e enunciação sem que se esteja exposto a leituras médicas e científicas, através do excesso de visibilidade e de controle como vivenciado na vida nua e na necropolítica, enquanto instâncias

disciplinares positivistas, que categorizam e nomeiam doenças sem, no entanto, alcançar níveis de subjetividade singulares.

Em defesa desta não normatização de doenças sem nome recorreremos à medicina chinesa, cujos tratados orientam concepções de “poesia e política e noções fluidas de si mesmo”, em modos de existir desde circunstâncias e estados de vulnerabilidade “que testam desidentidades”. Na contemporaneidade o neurocientista António Damasio também sugere uma cartografia do cérebro mapeada no que acontece no corpo, sem rejeitar ou tentar normalizar uma situação: o cérebro parte da dor “para se reinventar”. (ibid., p..23-5).

Zonas de vida não consideram o humano o único produtor de conhecimentos. Corpos sem nome operam por frestas, erosões, margens, e emergem das opacidades. Tal como o cosmos, sugere a autora, o cosmopolítico.

RESISTÊNCIA

*à beira do nada escuto vozes
perto do mundo espio
sinto, vou?
respiro*

Gabriela Laurentis aborda o corpo feminino através da análise de alguns trabalhos da artista Louise Bourgeois (1911-2010) para acentuar o caráter binário dos gêneros masculino e feminino - este imputado a emoção, coração, fragilidade, inaptidão à vida pública e a trabalhos intelectuais (opiniões vastamente comungadas na psicanálise de Freud, na filosofia de Rousseau e Hegel, e mesmo em movimentos artísticos como o Bauhaus, que relegava quase unanimemente as artistas a trabalhos têxteis. O caráter binário relegado ao corpo feminino também está na falsa oposição normal x anormal (desviante) - subvertendo a noção de saúde ao limitá-la à figura casta e contida de natureza reprodutora.

Em resposta a estas condições, Bourgeois apresenta um corpo esférico (em lugar de histérico) de formas arredondadas, rugosas, volumosas; um corpo arqueado, reproduzindo as imagens de crises históricas, e reanima um corpo domesticado no doméstico que, no entanto, não se contém e se transforma nos desenhos em casa, cama, mesa, lugares de dor e sofrimento perante o destino imposto de "casar ter filhos e morrer" (LAURENTIS, 2021, p.57). O tratamento falocêntrico relegado ao corpo da mulher já incluiu até mesmo controle estatal dos casamentos, como confirmamos

também em autoras como Mary del Priore (Ao sul do corpo) e Silvia Federici (O calibã e a bruxa), entre muitas outras.

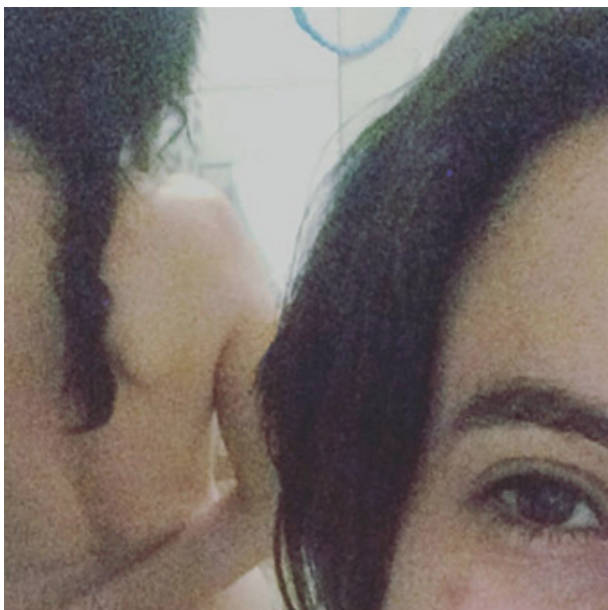
Esta biopolítica sobre o corpo das mulheres, também comentada por Foucault, objetifica seus corpos em detrimento de sua subjetivação. O filósofo chama de escrita de si a prática de escrever a própria vida (ibid., p.65;68) e atenta para movimento que mobiliza formas que contam uma história, em narrativas autobiográficas e relatos de paisagens corporais. Tais narrativas surgem já no século XXVIII e são uma "maneira de instituir a si mesma em ressonância com a escrita de si", que diferem de uma prática confessional e instituem outras possibilidades para pensar a prática autobiográfica.

A cultura de si, o cuidado de si, o trabalho individual para consigo, as práticas da arte da existência, são atividade de caráter social de um sujeito ético liberado das amarras identitárias, diz Laurentis (Ibid., p. 63), com exemplos de Judy Chicago, Miriam Schapiro, Mary Beth Edelson e Betsy Damon. A autora comenta ainda que nos anos 1970 autoras como Merlin Stone, Marija Gimbutas, Gloria Feman Orenstein, recuperam narrativas históricas feitas por mulheres, e sobre elas: *herstory*.

*mergulho sem roupa na estrada de mim
se dentro não há escorro pra fora*

*de entranhas me faço
se caio pra cima sou cauda
no mar me reconheço: tropeço*

*na pele suor é luz
no corpo náusea e espanto
do fundo estou ali: assombrada no viver*



Figuras 5 e 6 - Fotografias. Estudo sobre ausência, 2021, de Monica Toledo Silva.

REMINISCÊNCIA

*sem querer e sem desvio
te imundo de mim
sim eu mesma
em mil pedaços, sem mim*

O coletivo anônimo Tiqqun, ao qual Giorgio Agamben contribui, atesta em glosas sobre as formas de vida: “A forma de vida que anima um corpo está contida no modo de sua presença, no irreduzível acontecimento de seu ser em situação” (Agamben, 2019, p. 18).

Em si próprias as formas de vida não poderiam ser ditas, descritas, mas apenas mostradas, em um contexto singular. Desta forma, minha forma de vida não se relaciona ao que eu sou, mas ao como eu sou aquilo que sou. E entre um ser e suas qualidades haveria a experiência singular que eu faço dele, em certo momento e lugar.



Figuras 7 e 8 - Fotografias. Estudo sobre presença, 2022, de Monica Toledo Silva.

CONSISTÊNCIA

*meu pulso pula
no pulo do susto
sou eu e mais ninguém*

*o orvalho secou e o grito morreu
pra dentro com tudo*

e eu pra fora

Eliane Robert Moraes nos desloca o olhar para um corpo impossível inspirado no surrealismo. Ela apresenta assim figurações femininas marcadas pela obscuridade, em corpos espectrais, desarticulados e deformados, o que seriam o primado do corpo desmontável (a exemplo de Hans Bellmer e Salvador Dalí) na estética e no erotismo. Tais jogos de linguagem se estenderiam à própria imagem do corpo, como confirmamos ao longo da história da ciência moderna e seu interesse pela anatomia “proporcional ao desejo de destruí-la” (Moraes, 2002, p. 59).

Uma materialização do imaginário dispensaria uma consciência de si “em proveito de uma experiência autônoma” (*Ibid.*, p. 55): num contexto sócio político de economia convulsa uma crise fundamental do objeto também abre caminho para se explorar teoricamente um corpo “desprovido de dimensões estáveis”, distinto do realismo e humanismo; corpos desviantes, desvios de gênero. A medicina parece sensibilizar-se de um mundo convulso e gerar suas leituras de certa maneira também surreais, como hoje percebemos

a invenção da histeria em práticas fotográficas e inventos estimulantes de Charcot, determinando gerações de corpos femininos tidos como doentes, entre a incapacidade de serem mapeados e o desejo de controle da sociedade através da maternidade, família e sexualidade. Devemos incluir também a colonialidade, ápice da vida nua, gerada na modernidade e experimentada nas colônias, que nestes anos 1930 já sedimentava seus frutos em extensas violências invisibilizadas pelos governos europeus.

O movimento surrealista de Breton traz o visível como apenas uma das possibilidades do objeto, que deve ser repensado em sua hierarquia: o objeto ausente evoca o vazio, e não a matéria. A resistência das coisas ausentes, o falar que não diz, o não pertencer a parte alguma, a ausência que atua, de certa maneira aproximam estes movimentos modernos da arte da ciência de um século atrás. “Como salvar o visível fazendo dele a linguagem da ausência?” (*Ibid.*, p. 152). O erotismo se inscreve necessariamente na subjetividade, conforme sua etiologia psíquica, lembra Moraes.

PERSISTÊNCIA

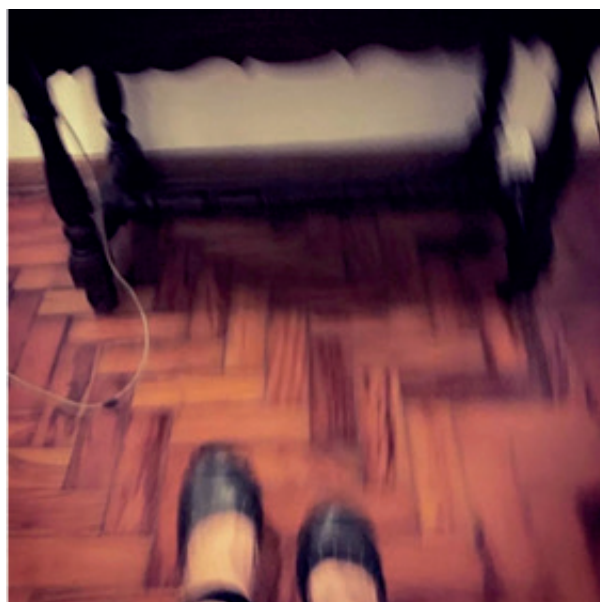
*peito aberto cheio de ar
de perto explosivos a lembrar
a trilha frágil pra longe de si*

Georges Bataille (2013, p. 275) introduz em seu livro *O erotismo* um sentido de sagrado e de morte vinculados ao corpo erótico. Relacionado ao divino, como atestamos nos antigos templos indianos, figurações eróticas se baseiam nos sistemas da sensualidade e do misticismo, que não diferem: trata-se de chegar “a um estado que possa ser dito soberano”. A soberania seria alcançada pela experiência mística, interior, que implica um “sentimento de si”.

Distinto da consciência de si, que se daria distintamente na humanidade, o sentimento de si supera a consciência objetiva, como

na experiência interior dada no instante em que o homem quebra a crisálida e dilacera a si mesmo (*Ibid.*, p. 62). A resistência, assim, viria de dentro e não de fora, como também atestamos na vida elementar de um ser que é também uma experiência interior, ainda que não nos seja comunicável.

A crise do ser, contudo, é sua passagem à descontinuidade, à fragmentação. O ser mais simples, contudo, tem o sentimento de si, o sentimento de seus limites. E se estes mudam ele é atingido nesse sentimento fundamental: a crise do ser, que tem o sentimento de si. (*Ibid.*, p. 125).



Figuras 7 e 8 - Fotografias. Estudo sobre presença, 2022, de Monica Toledo Silva.

*quem anda contém
um silêncio
que
só convém ao caminho
que
acaba no escuro
porque
escurecer é
o ver a si
um vir a ser
que desde sempre
foi*



Figura 11 - Estudo sobre ausência, 2021.
Monica Toledo Silva.



Figura 12 - Frame do vídeo "*Mermaid's tea*", 2022.
Monica Toledo Silva.

PERTINÊNCIA

*eu vi
o vivo em mim*

*vivo só
mente
minto
vivo assim*

*vida de um
é viva no mundo
sem o antes tudo é*

Raymond Bellour expõe em seu livro *Entre-imagens* (1997) qualidades inerentes à imagem videográfica que a qualificam numa esfera distinta das imagens cinematográficas, televisivas e virtuais. A imagem móvel realizada no meio videográfico conta com mais liberdade e mobilidade para o artista (pela leveza das câmeras), que nela instaura uma linguagem particular atenta à sua própria presença e materialidade (o corpo que filma e também é filmado, os gestos que capturam a cena que podem se alterar com a velocidade, respiração e olhar do corpo que grava), com isso evidenciando uma imagem móvel ao mesmo tempo frágil e potente, livre de um roteiro anterior (que determine planos, quadros, cenas e mesmo direção de atores) e aberta a um extenso trabalho de montagem - o que chamamos edição e que oferecem formas infinitas de criação de enunciado e de narrativas, se é o desejo da/o realizadora/or.

Com esta mídia muda também a qualidade da própria imagem, produzida inicialmente desde pixels, característica da imagem eletrônica que lhe confere resoluções e uso de cores particulares,

num certo volume e textura análogos ao VHS, e no campo sonoro, ao LP. Longe de buscar uma “alta qualidade” a imagem videográfica se apropria destas limitações analógicas para torná-las signos, criadores de jogos e soluções estéticas. Videoartistas, assim, em grande escala, criam trabalhos voltados a si próprios (autobiográficos, diários de viagem, videopoemas), experimentando “tons enunciadores numa série de ficções iniciadas e interrompidas” (Bellour, 1997, p. 362). Este sujeito retoma memórias, inscreve-se sobre elas, narra a si mesmo em lugares que se tornam próprios, em composições singulares (significantes, com objetos e paisagens que se apresentam num contexto único).

Nesta “deriva controlada” de associações o sujeito não reconheceria uma identidade; nesta autobiografia ele “escapa à narrativa”, suspensa por uma abordagem poética que mantém o real “no intervalo, na câmera escura do corpo” (*Ibid.*, p. 369). Numa espécie de cotidiano real e dramatizado, fictício em si mesmo, o corpo é capturado em seus processos criativos, elaborações de pensamento e emoção, lugar da experiência de si.

EXISTÊNCIA

*alvorço de ombro queixo e peito
correr e dançar um tudo
cantar pra dentro o que sempre fui
pedaço de tudo e nada de cima abaixo*

A pensadora Leda Maria Martins atribui à imagem e à palavra uma potência do movimento de habitar, atualizar, ressignificar o corpo e o entorno. Martins (2021, p. 80) se refere ao corpo-tela, que seria composto por condensações, relevo, superfície, fundo, intensidades e densidades. Um “corpo-imagem constituído por articulações que se entrelaçam imantadas por gestos”. O curioso de sua pesquisa, em grande parte atrelada à ancestralidade e temporalidade curvilínea (quando as giras do corpo geram uma circularidade espiralada, evocando tempo e espaço no movimento circular, unidos no presente) é a abordagem da narrativa poética nos campos da imagem e da palavra, através do movimento do corpo. Assim, toda imagem oferece “uma faísca de imaginário”, toda palavra uma força enunciadora

“em si mesma acontecimento” (*Ibid.*, p. 93) concebida cineticamente. Como tais, imagem e palavra ecoariam no corpo performativo, que adquire saber a partir deste evento a ser escrito, editado, encenado.

Ao somar forças destas gestualidades do corpo, suas linguagens se elevam a um campo de criação multimidiático, no entanto é inerente ao próprio corpo. Manifestações híbridas ganham o contorno de uma escritura dançante que fala de si, de imagens móveis que são também gestos performativos de seu criador - “corpo como condensação significativa, síntese poética do movimento, corpo hieróglifo (...), teia de idiomas performáticos emoldurados por uma engenhosa sintaxe de composições” (*Ibid.*, p. 79).



Figura 13 - Estudo sobre ausência, 2021.
Monica Toledo Silva.

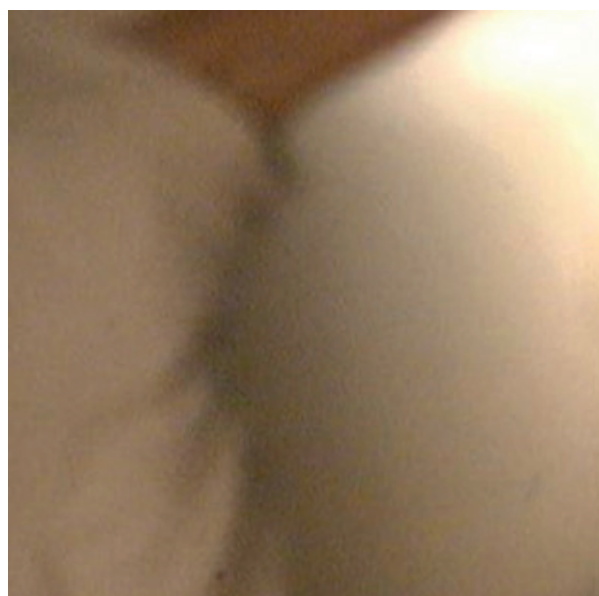


Figura 14 - Frame do vídeo “Olympia”, 2008, de
Monica Toledo Silva.

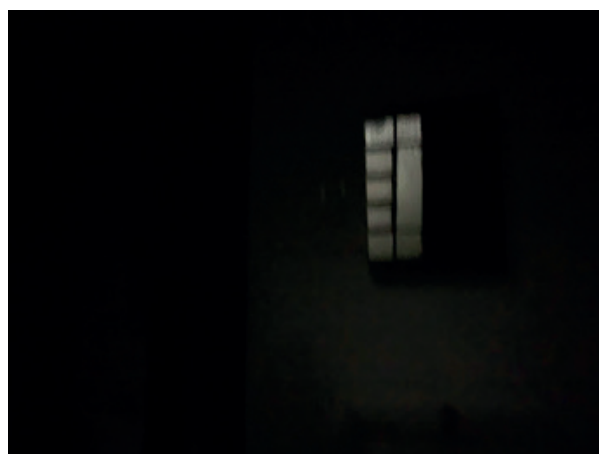
INSISTÊNCIA

*não há coração
que siga assim jogado
assado
no fora*

Zairong Xiang nos introduz as divindades nahua (de indígenas pré Aztecas, habitantes de vários países da Mesoamérica) e babilônica (povo habitante da Mesopotâmia anterior aos persas) para tratar seus mitos de origem como epistemologias decoloniais. Xiang (2024, p. 231) sugere um compromisso transdisciplinar com formas de pensar da Antiguidade como estratégia contra o pensamento moderno/colonial que converte “diferença em homogeneidade ou em sujeitos reconhecíveis, portanto, controláveis”. O deus e deusa da dualidade, de aspecto feminino e masculino, além do gênero, vertem nosso imaginário político para o surgimento de novas teorias queer que não fixam a fluidez de gêneros - “misturados, não fundidos”.

A colonialidade heteronormativa de gênero também determina traduções limitadoras, como vemos quando a academia moderna aborda “figuras mitológicas generificadas como femininas”, em análises frágeis que perdem a “contingência da feminilidade, que é sempre uma feminização e uma monstrificação, que, no entanto, existem numa relação mutuamente construída” (*Ibid.*, p. 20; 45), sem dicotomias para esta lógica que divide bem e mal, luz e sombra, nós e eles.

Esta *queerness* explora a deificação *queer* “corporificada pelas antigas águas para uma política voltada a uma teoria da porosidade impura, não identitária nem discriminada” (*Ibid.*, p. 27) de Tiamat, água salgada, criador de luz e vida, e Apsu, água doce, progenitor do mundo: misturam-se suas águas e o mundo se inaugura.



Figuras 15 e 16 - Fotografias. Estudo sobre presença, 2022, de Monica Toledo Silva.

RETICÊNCIAS

*cabelo preto solta um escuro
dentro de alguém um olhar se assusta*

Habitar a contemporaneidade desde outros lugares possíveis de existência, vivendo um corpo múltiplo e não mapeado arbitrariamente, nem qualificado como coisa, objeto de desejo, máquina de trabalho, dispositivo virtual, sexualizado socialmente ou pré determinado por um outro (institucional, social, cultural) que não nos afeta, é alimentarmos nosso imaginário e reconstituirmos nossa presença incessantemente e de modo sensível, atuante, no entorno.

O conjunto destes oito pensadores cria um espaço possível para discutir possibilidades sensuais em formas de apresentação do corpo na arte. Uma textualidade enredada de teorias distintas e distantes geram um amálgama que aponta o gesto criador como também híbrido e gerador de formas estéticas e escolhas de linguagens desde seus conteúdos próprios. A forma de organização de conteúdos teóricos é afetada por um corpo artista que se depara com suas próprias imagens, ou tentativas de apresentação,

ou esboços de perguntas. A imagem e a escrita - o texto semiótico - se articulam numa proposição também poética para que eu fale de mim, junto e misturado. A poesia como desvio atestando uma vacância persistente no corpo como uma ocupação perene. Resiliência, resistência, insistência, existência, pertinência, persistência, consistência, reminiscência: encontro de oito termos para os repertórios distintos que dialogam ainda com as menções a teóricos e artistas que lembram muitos outros.

Sem mapear, procuro uma qualidade feminina de força e delicadeza na imagem e na escrita. Uma visibilidade que resiste a violências arraigadas, uma visualidade que manifesta minhas estranhezas, uma gestualidade no modo de filmar e de escrever. Apalpo este corpo que me escapa em poemas fugidios (pois somos também imateriais e vegetais e animais e minerais) e organizo uma busca por um todo de palavras e imagens, modos distintos e coesos para minha diferença.



Figura 17 - Frame da série de vídeos "Body lands", 2019. Monica Toledo Silva.



Figura 18 - Estudo sobre ausência, 2021. Monica Toledo Silva.



Figura 19 - Fotografia. Estudo sobre presença, 2021, de Monica Toledo Silva.

NOTA

01. Todos os poemas estão publicados no livro *Celofane Azul*, de Monica Toledo Silva, Editora Rizoma, 2023.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **Erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BELLOUR, Raymond. **Entre-imagens**. Campinas: Papyrus, 1997.

GREINER, Christine. **Corpos crip. Instaurar estranhezas para existir**. São Paulo: n-1 edições, 2024.

LAURENTIS, Gabriela B. **Louise Bourgeois e modos feministas de criar**. São Paulo: Sob Influência, 2021

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**. Poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, Eliane Robert. **O corpo impossível**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SILVA, Monica Toledo. **Celofane azul**. Itajaí: Rizoma, 2023.

SILVA, Monica Toledo. Portfólio. Site. Disponível em: <<http://monica1605.wixsite.com/mysite>>.

SILVA, Monica Toledo. Sereias ou refugiadas: o mal, a beleza e o visível dos desvios de sentido. UFC, **Vazantes**, v.2, n.1, p.77-88, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/32941/73021>>.

TIQQUN. **Contribuições para a guerra em curso**. São Paulo: n-1 edições, 2019

XIANG, Zairong. **Antigos caminhos queer. Uma exploração decolonial**. São Paulo: n-1 edições, 2024

SOBRE A AUTORA

Monica Toledo Silva é semioticista e pesquisadora do corpo nas imagens móveis. Mestre e doutora pela PUC/SP, com estágios pós-doutorais na FAFICH/UFMG, IA/UNICAMP e FFLCH/USP. Organizou dois livros: *Performances da memória* (2013) e *Dramaturgias do real* (2019) pela Editora Impressões de Minas; e publicou outros dois de poesia *Sobre avencas* (2019) Editora Leme e *Celofane azul* (2023) Editora Rizoma. Realizadora audiovisual, com séries de vídeos e instalações, e estudos publicados na Europa e América sobre migração, paisagem, deslocamento e pertencimento. Dirige o selo Bloop e a rede Entremares.

E-mail: monica1605@gmail.com